

PERFIL

JUSTINIANO CLÍMACO DA SILVA

Justiniano Clímaco da Silva nasceu em 8 de janeiro de 1908, na cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia. Filho de Anastácia da Anunciação, trabalhadora doméstica, e Justino de Matos da Silva, carpinteiro. Neto de escravos e de família pobre, não tinha condições financeiras de estudar. Mesmo assim, conta-se que, inspirado em um certo Doutor Bião, médico em Santo Amaro a quem muito admirava, Justiniano decidiu formar-se em Medicina.

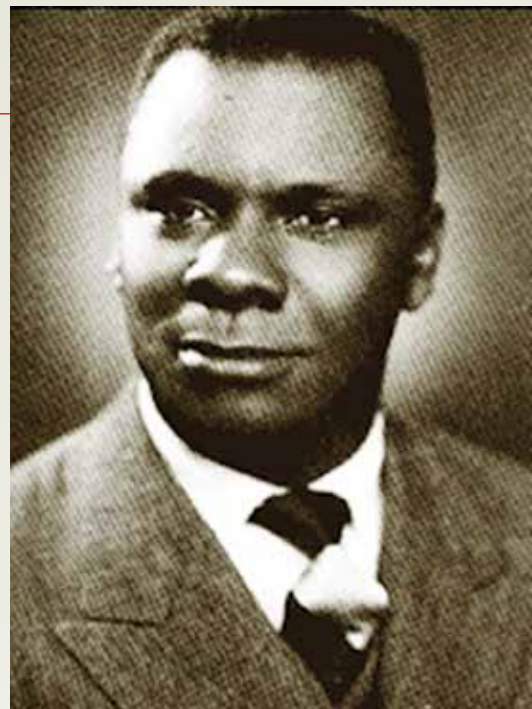
Mudou-se para Salvador, em 1923, contando com a ajuda de uma tia Maria Juliana dos Passos Ferreira, com quem foi morar. Estudou no Ginásio da Bahia (o famoso “Colégio Central, o atual Colégio Estadual da Bahia), onde obteve o título de Bacharel em Ciências e Letras, em 1929. Como professor de Matemática e Latim, obteve recursos para estudar Medicina: “Entrei como professor contratado de matemática do Ginásio da Bahia, e já tinha feito o vestibular para Medicina também, tinha passado, continuei estudando Medicina, como professor do ginásio, que me ajudou muito a me formar” (Entrevista a Associação Médica de Londrina-AML, 1998).

Formou-se pela FAMEB em 7 de dezembro de 1933, tendo sido colega de Arnaldo Magalhães Mattos, Presidente da ABM de 1956 a 1959; e de José Coelho dos Santos, polêmico professor catedrático de anatomia.

Através de um tio que morava no Paraná, teve notícias sobre Londrina, uma nova cidade no norte do estado, com grande produção de café (a “Capital do Café”), porém com desenvolvimento precário, com muitas doenças epidêmicas e endêmicas. Ele concluiu que a cidade estava precisando de um médico; “É pra lá que eu vou! Se tem doença, tá precisando de médico” (AML, 1998). Tomou o navio para Santos e da cidade portuguesa foi para seu novo destino. Chegou na “Pequena Londres”, em 1938. Foi um dos primeiros médicos e o primeiro médico negro de Londrina, cidade onde clinicou por 50 anos.

As condições do trabalho médico eram muito precárias: “Para exercer a profissão não tinha luz, eu trouxe o infra-vermelho, não podia funcionar, tinha minhas ferramentinhas, essas coisas todas, tinha que flambar, ferver aqui pra fazer cirurgia comum, que a gente pode fazer em consultório. Era um sacrifício medonho! Nesse intervalo, acaba a luz, então não podia operar, tinha que esperar” (Entrevista à revista da AML, 1991, p. 17).

Dr. Clímaco, o “Doutor Preto”, fazia partos, cirurgias, tratava os casos de lepra, tuberculose e das doenças epidêmicas como tifo, malária, febre amarela. “Naquele tempo a gente tinha que atender tudo, não tinha esse negócio de especialista, era ‘pau pra toda obra’. [...] Gos-



Justiniano Clímaco da Silva
(8/01/1908 -27/08/2000)

tava muito da Clínica geral, feita como se deve: com calma. Quando eu pegava, por exemplo, um cardíaco, passava tempo ouvindo. Escutar um pulmão era até gostoso, como não? (...) E tínhamos métodos de toque e auscultações que hoje os médicos nem conhecem”. A consulta era cobrada de quem tinha para pagar. Ele aceitava uma leitoinha, ou um queijo caseiro, por serviços prestados. Para se deslocar para os sítios e fazendas, ele comprou um Ford modelo 1928. Era o carro mais famoso da cidade. Em seus 50 anos de prática médica atendeu a mais de 30 mil pacientes. Era tão querido e estimado pelo povo da cidade que chegou a batizar ou crismar quase trezentas crianças (Folha Norte, 2008, p.2).

Não se casou, mas teve um filho adotivo, que se formou em medicina, o Dr. José Alberto Correia da Silva, médico cardiologista.

Em sociedade com outro colega, Dr. Ângelo Decânio, fundou a Casa de Saúde Santa Cecília, em 1942. Depois passou a ser Hospital Santa Cruz. Liderou a campanha para criação da Santa Casa em Londrina. Esse movimento obteve o terreno e conseguiu construir o hospital na década de 40. Ele atuou no pronto socorro da Santa Casa por duas décadas gratuitamente. Com dinheiro do próprio bolso comprou para as Irmãs da Santa Casa um harmônio para incentivar a música e o canto (Silva e Panta, 2010)

Foi sócio fundador da Associação Médica de Londrina-AML, em 1941, tendo sido diretor da entidade em diversas gestões. Com o presidente da AML ajudou a criar a entidade médica de Maringá.

Viveu a experiência política como parlamentar. Deputado estadual constituinte em 1947 pelo Partido Social Democrático, ele foi o primeiro eleito por Londrina e o quinto mais votado do estado, mas odiou os anos na política, vividos solitariamente numa pensão em Curitiba. Como parlamentar, conseguiu a criação de um hospital para pacientes com tuberculose. Atualmente é onde funciona o Hospital Universitário, centro de referência médica do norte do Paraná. Decidiu voltar para seus pacientes e deles não mais se separou.

Criou o “Paraná-Jornal”, um dos primeiros de Londrina, com notícias, sobretudo locais, de política, cultura e atividades profissionais.

Para além da medicina, ele estudava bastante e tinha um conhecimento geral muito grande. Estudou Grego, Latim, Alemão e Francês desde o seminário, deu aula sobre Latim (...) Conhecia

escritores e poetas antigos e lia sobre filosofia antiga e contemporânea. Recitava poetas gregos, Padre Antonio Vieira, Camões, assim como autores e poetas brasileiros também (Depoimento do filho Dr. José Alberto Correia da Silva, médico cardiologista).

Qualificado com o título de Bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio da Bahia, ele foi professor de Latim, Alemão e de Matemática em Londrina. Indagado porque ensinava, ele explicou em latim: “Docendo discitur”. Ou seja, ensinando é que se aprende.

Sofreu alguns episódios de racismo, como o episódio com um representante de laboratório. O sujeito marrento o interpelou no corredor do hospital, perguntando pelo Doutor Clímaco. Ouviu um naturalíssimo “sou eu”. E rebateu com um insultuoso “não vem não, negão, vai logo chamar o médico”. Preconceito não só fere, como turva os sentidos. Justiniano Clímaco agarrou o homem e jogou-o na rua.

Ele tinha uma consciência étnica e certa vez disse: **“O meu maior feito pela raça foi justamente o meu exemplo de**

força de vontade e, sobretudo, de dignidade”.

Em 1986, recebeu o diploma de Mérito Ético-Profissional dado pelo Conselho Regional de Medicina, aos profissionais “com relevante e exemplar conduta médica”. Em 1996, recebeu o título de Cidadão Honorário do Estado do Paraná.

Este médico, exemplo de simplicidade e generosidade, se encantou em 27 de agosto de 2000. Seu nome está numa Unidade de Saúde em Londrina, cidade que ele doou tudo, inclusive a mala de médico. As professoras Maria Nilza da Silva e Mariana Panta escreveram uma biografia publicada em livro sobre o “Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva”, baiano formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, que teve um destacado protagonismo numa cidade, estado e região que tende a tornar invisível a contribuição nordestina e mais ainda da presença negra em sua história. Justiniano Clímaco da Silva foi uma luz negra na região sul, no estado do Paraná e sobretudo na cidade de Londrina.

Axé, Doutor Negro!

Sugestão de leituras:

PELLEGRINI, Domingos. *50 anos de Arte Médica – 1941/1991*. Entrevista à revista da AML. Londrina, 1991.

SILVA, Maria Nilza da; PANTA, Mariana. *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina*. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina-UDEL, 2010.

Agradecimento: ao aluno Thomas Lucas Rodrigues Sales dos Santos que me apresentou Doutor Clímaco, em trabalho para a disciplina História da Medicina (FMB-UFBA), em 2016.

Ronaldo Ribeiro Jacobina – Professor Titular de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Bahia -UFBA. 18º Presidente da Associação Baiana de Medicina. Doutor em Saúde Pública.